

Hume - *Tratado* - Esquema da seção T 1.4.2, Ceticismo sobre os sentidos

Silvio Seno Chibeni - 31-12-2007

1. Existência de corpos: uma crença natural.
2. Objetivo: investigar as causas dessa crença. Distinção:
 - a. crença na existência contínua dos corpos;
 - b. crença em sua existência distinta (externa e independente) relativamente à mente.

Fontes possíveis: sentidos, razão e imaginação
3. Sentidos:
 - a. Não produzem a crença na existência contínua (óbvio);
 - b. Se produzirem a crença na existência distinta, então: 1) as impressões são representações dos corpos; ou 2) são eles próprios.
4. Não-(3b1): os sentidos oferecem uma única percepção, não uma dupla.
5. Se (3b2), então ocorre uma ilusão. Como poderiam os sentidos perceber o “eu”?
6. Identidade pessoal: questão abstrusa. Logo, os sentidos não podem ajudar nisso.
7. Para a consciência, todas as impressões (“externas” e “internas”) estão no mesmo barco; são meras percepções.
8. Afinal, os sentidos de fato nos enganam quanto a isso?
9. A *externalidade* das impressões não pode ser referente ao nosso corpo (3 argumentos).
10. A *independência* das impressões não resultaria dos sentidos, mas da “observação e experiência”. Cf. porém § 45.
11. Síntese dos argumentos. Conclusão geral: a opinião de uma existência contínua e distinta não pode surgir dos sentidos.
12. Argumento ad hominem baseado na distinção de três tipos de impressões. Todas resultam estar no mesmo barco (i.e. todas são dependentes).
- 13.(cont.)

14. Impotência da *razão* para estabelecer a existência contínua e distinta.
 1) O povo crê nisso sem conhecer nenhum argumento filosófico; 2) a filosofia mostra justamente o contrário; 3) o povo confunde percepções com objetos; 4) mesmo que os distingamos, não podemos inferir os segundos das primeiras por raciocínios causais (cf. § 47). Logo, aquela opinião tem de derivar da imaginação.
15. A opinião da existência contínua e distinta deve resultar das qualidades de certas impressões, juntamente com as qualidades da imaginação.
16. Não é a involuntariedade, nem a vividez de certas percepções.
17. Buscar então outra hipótese para explicar aquela opinião.
18. *Constância*.
19. A constância admite exceções. Precisamos buscar um complemento: a *coerência*.
20. Questão a ser investigada até o restante da seção: Como essas duas qualidades dão origem a tão extraordinária opinião? Começemos pela coerência.
- a. Sem a existência contínua, os corpos perderiam boa parte da regularidade de suas operações. Inferências causais. Exemplos.
21. b. Mas essas inferências na verdade diferem consideravelmente das inferências causais: o hábito aqui não é perfeito. [?] Portanto outros princípios devem intervir para ajudar aqui.
22. A imaginação está propensa a continuar em movimento. Neste caso, estende as uniformidades observadas.
23. Constância. Essa segunda característica ajuda a levar à opinião da continuidade da existência das percepções.
24. Resumo do que será apresentado em seguida:
- Costume de observar a constância de certas impressões. Daí consideramos duas impressões semelhantes interrompidas como sendo identicamente a mesma.
 - Mas a interrupção é contrária à identidade. Supomos então a existência contínua.
 - Essa suposição recebe vividez das impressões interrompidas e da propensão de as considerarmos a mesma. Logo, acreditamos na existência contínua.
25. Temos portanto que explicar:

- a. O princípio de individuação, ou identidade;
- b. A razão para a semelhança induzir à crença na identidade;
- c. A propensão para unir as aparências pela existência contínua;
- d. A vivacidade dessa concepção da existência contínua.

26-30. Ponto (a):

- Visão de 1 objeto: unidade
- Visão de vários objetos: número
- Ideia de tempo aplicada a um objeto invariável e ininterrupto (enquanto outros mudam) → identidade

31-36. Ponto (b): Daqui até o § 46 será pressuposto o sistema vulgar (impressões = corpos).

- Ideias que põem a mente numa mesma disposição têm propensão de serem confundidas umas com as outras (32);
- A passagem da mente de uma impressão a outra semelhante põe a mente na mesma disposição de quando contempla continuamente o mesmo objeto (33-34);
- Logo a mente confunde a sucessão com a identidade (34-36).

37-40. Ponto (c):

- Existe uma contradição entre a identidade das percepções semelhantes e sua interrupção. Como resolvê-la?
- Supor que a percepção continua existindo é absurdo (cf. Berkeley);
- Esse absurdo é evitado pela adoção da bundle theory of mind (39). [Hume propõe, assim, o abandono do princípio berkeleyano do *esse est percipi*.]
- Além disso, a percepção, considerada como objeto, pode ser pensada como ora presente, ora ausente (40).

41-42. Ponto (d): O ser contínuo que imaginamos é esse objeto/percepção. Acreditamos que existe, porque essa ideia recebe

vividez das impressões interrompidas, junto com a propensão da mente de passar da impressão à ideia.

43. Os papéis, nessa explicação, do sistema vulgar e da imaginação. A explicação é coerente.

44. Passando a uma análise filosófica da crença: A crença na existência contínua de nossas percepções é notoriamente falsa:

- Existência contínua → Existência independente
- A existência não é independente
- Logo, não há existência contínua.

45. Experimentos que provam a segunda premissa.

46. Diante disso, os filósofos criaram o sistema da dupla existência. a) Mas esse sistema (“hipótese”) não deriva primariamente nem da razão nem da imaginação; b) adquire todo o seu poder sobre a imaginação do sistema vulgar.

47. Argumento para (a):

a1: Não da razão: uma inferência aqui teria de ser causal; mas inferências causais pressupõem a observação da conjunção constante da causa e do efeito; mas isso é impossível neste caso: corpos são por princípio inobserváveis.

48. a2: Não da imaginação. Provar isso é difícil ou impossível, pois é uma negativa existencial. Hume transfere então o ônus da prova a quem discordar.

49. Argumento para (b): (b) segue-se por necessidade, dado (a).

50. Explicação das conexões entre os dois sistemas, vulgar e filosófico (da dupla existência). Recapitulação. Imputação de extravagância aos céticos.

51. Havendo conflito, os impulsos naturais prevalecem sobre as reflexões profundas.

52. Hipótese da dupla existência: agrada a razão (percepções como dependentes e interrompidas) e a imaginação (existência de algo independente e contínuo).

53. Vantagem do sistema filosófico: é similar ao vulgar; dá lugar a este facilmente, tão logo a atenção filosófica cesse.

54. Dois traços do sistema filosófico: a) Supomos que os objetos são semelhantes às percepções, pois nunca podemos conceber algo que não seja uma percepção.

55. b) Supomos que cada objeto particular se assemelha a sua causa. [?] A relação de semelhança reforça a de causação.

56. Reflexões finais, de tom cético. Ambos os sistemas são racionalmente inaceitáveis. Como então “justificar” a crença na existência dos corpos? Além disso, sequer concebemos o que seja um corpo, embora possamos supor que exista.

57. As dúvidas céticas só podem ser curadas pelo descuido e desatenção, entregando-nos à natureza.